(RE)VISITANDO MEMÓRIAS: SEXUALIDADE, GÊNERO E FORMAÇÃO DOCENTE

Osmar Arruda Garcia – Professor da Rede Municipal de Educação de Rio Claro, Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Sexualidades- GSEXs - Tutor a Distância do GDE – UNESP – Rio Claro.
Carla Ariela Rios Vilaronga - Doutoranda e Pedagoga da UFSCar- São Carlos – Tutora a Distância do GDE – UNESP – Rio Claro.
Andréia Cristina Navas- Professora da Rede Municipal de Educação de Jaú- Tutora Presencial do GDE – UNESP – Rio Claro.
Renata Nascimento Ariano- Professora da Rede Municipal de Educação de Jaú- Tutora Presencial do GDE – UNESP – Rio Claro.
Célia Regina Rossi - Professora Doutora do Departamento de Educação – Coordenadora do GDE - UNESP – Rio Claro.

EIXO 7: Dimensão cultural na formação de professores.

Introdução

Podemos afirmar que as duas últimas décadas foram cruciais no que tange a formação inicial e continuada de professores e a reformas educacionais, tendo como impulsionadores políticas e documentos internacionais. Significativas alterações passaram a acontecer, fazendo emergir novos modelos de formação de professores, com estimulo ao uso das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e do ensino a distância (EaD).

Dentre os formatos de formação de professores, a formação em serviço é a mais freqüente nas propostas realizadas pelas universidades. Ferreira (2008) nos faz refletir sobre essas formações, criticando o papel que a universidade vem desenvolvendo e questionando o resultado desses cursos, que na visão dela, originam a reprodução de um discurso teoricamente elaborado e a ocultação das reflexões dos professores, que interferem no dia-a-dia da sala de aula.

Nóvoa também nos auxilia nessa reflexão, na medida em que discute a centralidade dos professores nas políticas atuais e o papel dado a eles nesse contexto educacional

> Por um lado, os professores são olhados com desconfiança, acusados de serem profissionais medíocres e de terem uma formação deficiente; por outro lado, são bombardeados com uma retórica cada vez mais abundante que os considera elementos essenciais para a melhoria da qualidade do ensino e para o progresso social e cultural. (NÓVOA, 1999. p. 3).

Pimenta (1999,) nas discussões relacionadas à formação de professores, nos indica que existem três dimensões importantes a serem trabalhadas: a primeira relativa à experiência; a segunda, ao conhecimento produzido e em produção; e, a terceira, a que diz respeito aos saberes pedagógicos.

Criticando a fragmentação de saberes e entendendo que a Pedagogia é uma ciência prática da prática educacional, a autora destaca as "ilusões" que subjazem os processos de formação dos professores. Ainda para essa autora (1999, p.30), a integração dessas dimensões na formação do professor possibilitaria "*produzir a profissão docente*". Dentro deste entendimento, a integração está relacionada aos saberes pedagógicos, o que inclui a reflexão/pesquisa das práticas docentes e permite um vínculo importante com os projetos educativos das escolas, fator que, necessariamente, aponta para políticas de valorização do desenvolvimento pessoal/profissional dos professores e das instituições educacionais.

Dentre as propostas e programas de formação continuada de professores, vinculados às universidades, podemos destacar a educação a distância como uma das políticas mais relevantes na atualidade, que vem apresentando esforços significativos tanto de investimento teórico, quanto financeiro, realizados pelas universidades e pelo poder público respectivamente. Muitos são os questionamentos dessa modalidade de formação de professores, principalmente pelo caráter inovador e inicial das propostas vivenciadas pelas universidades.

Porém, observa-se que mesmo sendo uma prática recente, muitas formações continuadas de professores tem se destacado no país, quando lançam como ferramenta as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) utilizadas costumeiramente em cursos de Educação a Distância. Ferramenta que possibilita a formação por meio de parceiras com vários pesquisadores ligados as universidades e prefeituras do país, a instrumentalização do professor com a TIC, instrumento importante para desvelar trabalhos com toda a comunidade escolar e se colocar em contato direto com outras realidades escolares.

1. Sexualidade e gênero na escola

Os Temas Transversais, que fazem parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), trazem a sexualidade e o gênero como temas a serem

abordados na escola. Vianna & Unbehaum (2004) explicitam que de acordo com PCN, o tratamento a ser dado ao tema da orientação sexual na escola, não deverá ficar restrito ao tratamento terapêutico tendo que enfocar as dimensões sociológica, psicológica e fisiológica da sexualidade de modo a lidar com questões como as relações de gênero, dando possibilidade ao educando para poder questionar, criticar e problematizar os papéis rigidamente estabelecidos para homens e mulheres, bem como a possível flexibilização desses papéis.

O tema da sexualidade na escola, assim como outros diretamente ligados a esse, tem encontrado resistência de inserção nos currículos escolares, como apontam Camargo & Ribeiro "Muitos consideram, ainda hoje, a abordagem de questões sexuais na escola, como algo insalubre, pois estimularia precocemente a sexualidade nas crianças e adolescentes". (2003, p.740)

Ainda assim, mesmo que através do currículo oculto ou das sutis pedagogias culturais, os estudos culturais já colocam as questões sobre sexualidade e gênero como parte integrante do currículo escolar (GARCIA, 2009, p.15). Contudo, acreditamos que a escola trabalha com uma lógica de silenciamento de temas ligados a sexualidade.

Concordando com a visão de Camargo & Ribeiro (2003), mas sem deixar de lado a visão também exposta por Garcia (2009), que aponta que esta lógica do silenciamento, tem a função de provocar a sensação de que não é necessária a discussão da sexualidade na escola, apontando assim, que tal temática deva ser tratada em um lugar privado, fora da escola, ressaltando que a problematização da sexualidade é de responsabilidade da família, e, portanto é lá que ela deve ser construída. Por questões morais, religiosas, midiáticas, a família trata a sexualidade como um tema restrito a questões biológicas, ou proibida.

Os temas da sexualidade emergem no cotidiano escolar, mas são tratados de forma velada. Esses temas entrelaçam mascarando a realidade dos atores sociais, alunos, professores, funcionários, famílias, que são os envolvidos no processo educativo, que sem a devida formação para lidar de forma construtiva com tais questões, podem contribuir com a construção de estigmas e possibilitar a disseminação ainda maior de preconceitos.

A sexualidade tem sido discutida fortemente na contemporaneidade, ganhando força por meio das políticas públicas de educação para a

sexualidade, com as formações iniciais e continuadas de professores, especializações, legislações que atendem a violência contra a mulher, o Brasil sem homofobia, etc., implementadas em todo o país, chegando às instituições escolares, pela problematização de temas que suscitam a sexualidade, tais como, relações de gênero, diversidade, orientação sexual, violência, etnia, desvelando possibilidades de abertura da educação para a sexualidade, de forma a atingir todos os atores sociais da escola.

Falar de gênero pode ser um primeiro passo para se apropriar dos assuntos referentes à sexualidade. Gênero tem sido utilizado por alguns autores como uma "categoria útil de análise histórica", visto que nos ajuda a entender as relações entre a história de homens e a história de mulheres que não se fizeram separadas e sim em conjunto (SCOTT, 1995).

Todos esses silenciamentos e interdições em torno da sexualidade e seus desdobramentos tais como as relações de gênero trazem a idéia, hoje, de uma necessidade de discussões e problematizações na escola de tais assuntos. Uma formação inicial e continuada para os professores e comunidade escolar que propicie uma melhor maneira de lidar com esses assuntos na formação das crianças pode em muito contribuir para desvendar e criar novos olhares, críticos e construtivos sobre a sexualidade e o gênero, através da problematização fundamentada dos preconceitos e exclusões sociais desencadeadas por estes temas, de forma a desconstruí-los.

Um exemplo que será discutido neste texto será o curso Gênero e Diversidade na Escola (GDE) em convênio UNESP - MEC/FNDE. Ele se insere na modalidade de formação continuada de profissionais da educação tratando das temáticas de gênero, raça/etnia e orientação sexual. O curso foi realizado em formato semi-presencial, por entendermos que temas como estes, que discutem questões de extremo preconceito, exigem reflexão e questionamentos mais facilmente realizados no espaço presencial.

2. Gênero e Diversidade na Escola- GDE

O GDE é um curso para professores de educação básica de escola pública de todo o país, com a participação das universidades públicas do Brasil em convênio com o MEC. O objetivo é o de possibilitar aos professores/as condições de observar, problematizar, e introduzir nas suas reflexões e práticas pedagógicas as relações de gênero, sexualidade, raça e

etnia, orientação sexual, diversidade, respeito, dignidade, equidade, possibilitando a construção de uma educação inclusiva e não sexista.

O curso foi oferecido pela UNESP – campus de Rio Claro – Departamento de Educação, na modalidade semi-presencial a 1.080 profissionais da Educação Básica da Rede Estadual de Educação do Estado e de 9 redes municipais de educação de cidades do estado de São Paulo, durante doze meses, com acompanhamento de uma equipe selecionada pela Universidade, equipe esta formada por: tutoria (distância e presencial), coordenação geral, coordenação de tutoria, professores pesquisadores. O curso contou com um material de apoio organizado pelo CLAM (Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos).

A proposta inicial do projeto GDE era fomentar a discussão, por meio de dinâmicas, leituras, atividades, problematizações, inquietações, em todos os níveis das unidades escolares, assim como nas secretarias e entidades de diferentes níveis (municipal, estadual e federal), formando grupos permanentes de estudos, retroalimentados pelos cursistas (professores de educação básica). Também foi planejado que os professores/cursistas da rede pública fossem valorizados pelo seu papel de provocadores de estudos e novas propostas de trabalho nas suas unidades escolares, acarretando em novas práxis cotidianas na sala de aula.

O curso propiciou ainda um espaço de ampla discussão sobre relações de Gênero, Diversidade na Escola e os desdobramentos destes temas nas instituições escolares, de forma criativa, ética e multiplicadora com a temática da sexualidade entrando para o projeto político pedagógico da escola pela porta de frente.

3. Caminhos percorridos no trabalho

Este trabalho pretende discutir, através de uma (re)visita aos “memoriais” entregues pelos professores-cursistas do curso Gênero e Diversidade na Escola, quais foram as problematizações, discussões, sensações, inquietações e olhares despertados pelo curso. Tais memoriais foram entregues ao final do oferecimento de dois cursos, nos anos 2009/2010, na cidade de Jaú- SP. Para essa análise foram utilizados os memoriais de 2 turmas do curso de Jaú – SP.

A proposta do curso era a de que nos memoriais os professores fizessem uma análise de sua trajetória durante o curso. Dessa forma através

deles pudemos recuperar alguns dados como trajetória pessoal, escola e prática docente sem perder de vista os conceitos de sexualidade e gênero apresentados durante dois módulos do curso.

O trabalho foi realizado tendo como base os dados recolhidos pelo curso Gênero e Diversidade na Escola, realizado na cidade de Jaú,- SP, interior paulista. Os sujeitos de pesquisa são professores, coordenadores e diretores da Educação Básica I, atuantes na rede municipal e estadual de ensino público.

Todos os cursistas que participaram da formação no pólo autorizaram o uso de seus escritos para pesquisa da universidade, com a assinatura de um termo de consentimento.

4. Revisitando os memoriais

Uma das propostas do material impresso elaborado para o curso e da própria formação foi a elaboração de um memorial das atividades e reflexões realizadas no decorrer do curso. Nesse memorial, o cursista deveria elaborar uma narrativa de sua própria experiência baseada nos seus “diários”, registros escritos, entregues durante a realização das atividades, obrigatoriamente 1 por módulo.

Os cursistas eram convidados nessa atividade a fazer uma narrativa livre, espontânea, de cunho pessoal, de no máximo 3 páginas. O material trazia alguns pontos para nortear essa reflexão.

A proposta de escrever sobre a trajetória de formação no decorrer do curso trouxe ricos relatos, que serão analisados a seguir.

4.1. Trajetória Pessoal/ Profissional

Analisar a trajetória pessoal e profissional dos professores/cursistas tornou-se nosso ponto de partida para a realização desse trabalho, saber de onde esses professores falam é importante. Por que falam? Como falam? Para quem falam? Vasculhar como pesquisadores, quais foram os acontecimentos que os levaram a constituir a sua identidade pessoal/profissional, pode, em muito, ajudar a esclarecer os conceitos construídos pelos mesmos e o “olhar” que demonstravam ter sobre sexualidade e gênero durante a realização do curso, revelados durante as discussões, problematizações e presentes nos registros entregues.

> *É preciso entender o conceito de identidade docente como uma realidade que evolui e se desenvolve, tanto pessoal como coletivamente. A identidade não é algo que se possua, mas sim algo que se desenvolve durante a vida. A identidade não é um atributo fixo para uma pessoa, e sim um fenômeno relacional. (MARCELO, 2009, p.112)*

Ao analisar o trecho que se transcreve a seguir, pudemos perceber que a professora na sua trajetória, havia construído conceitos que ela acreditava que não pudessem ser transformados, discutidos e vistos de outras formas.

> *Durante o curso tive oportunidade de pensar e refletir sobre assuntos que já me pareciam prontos, cujos conceitos estavam claros. Mas estava enganada. Os textos que li, as discussões em grupo no pólo, e as atividades propostas mostraram muitas formas de pensar sobre um mesmo assunto, aprendi principalmente a ver as situações por vários ângulos e não julgar, pois não sabemos o que o outro está sentindo. (Professora 2, turma 1)*

Dialogando com as idéias de Marcelo (2009), observamos que a identidade não é um atributo fixo, portanto esses conceitos construídos ao longo da vida, nunca estão prontos, mas em constante construção, mutação e transformação. Sua colocação sugere que nessa trajetória de formação da sua identidade pessoal/profissional o GDE pode ter contribuído para uma desestabilização e desconstrução de verdades, possibilitando a construção e estimulando novos olhares quanto aos assuntos trabalhados no curso. Ainda é possível verificar o estabelecimento de uma nova relação com o “outro”.

Outras questões dessa trajetória docente são explicitadas na próxima escrita, onde professora questiona assuntos importantes ligados a trajetória pessoal/profissional, como se pode ver:

> *Muitas questões no início do GDE surgiram: como separar o eu professor do eu pessoal? Isso é possível? Como é possível ensinar aquilo que não acredita para si; e mesmo para seus filhos? (Professora 9, turma 1)*

Quando a professora questiona a separação entre o eu professor e o eu pessoal, ela sugere que seria impossível tal separação o que Nóvoa (2009, p. 212) explicita claramente:

> Ao longo dos últimos anos, temos dito (e repetido) que o professor é a pessoa, e que a pessoa é o professor. Que é impossível separar as dimensões pessoais e profissionais. Que ensinamos aquilo que somos e que, naquilo que somos, se encontra muito daquilo que ensinamos.

Tendo em vista o que afirma a professora e a afirmação de Nóvoa, podemos reafirmar a importância de analisar a trajetória pessoal/profissional para a realização da nossa pesquisa, o que de certa forma sugere que possamos estar no caminho certo para continuar nosso trabalho.

> *Entendi que, antes de qualquer trabalho ser realizado, eu precisava modificar a minha maneira de pensar, repensei e percebi que em muitos momentos e fatos cotidianos eu não entendia a dura realidade dos que são vítimas de preconceito, achava que isso estava muito mais dentro dessas vítimas do que nas severas e duras atitudes da nossa sociedade. A partir desse momento comecei a observar melhor e "ver com outros olhos". (professora 11, turma 1)*

A professora discute o seu trabalho pedagógico em vista da dura realidade dos educandos e de uma tomada de consciência sobre fatos cotidianos, que talvez antes não a fizessem mover-se, dessa forma, talvez, não fosse possível uma mudança de olhar, sugere uma reflexão sobre o seu trabalho (trajetória profissional) sem deixar de lado uma reflexão interna no tocante a sua "maneira de pensar" (trajetória pessoal). E sua idéia culmina na consideração de que tenha mudado o "rumo" de sua trajetória em busca de uma mudança de atitudes tanto dos alunos quanto de si.

Fatores ligados a uma formação sexual dada em casa, no caso da estruturação da identidade do educador, podem contribuir de forma negativa na construção da identidade do educando, quando percebemos no depoimento a seguir que as convicções religiosas da professora, provocam nela o sentimento de não aceitação de manifestações humanas da sexualidade. Não queremos dizer que a professora não queira aceitar essas manifestações, haja vista que ela diz se encontrar em conflito, e que o reconhecimento do próprio preconceito sugere um passo rumo a mudanças pedagógicas de postura e olhar. Queremos sim possibilitar a reflexão de que esse fator pode levar ao silenciamento das questões da sexualidade quando emergirem frente a sua prática pedagógica, ou então, o trato equivocado dessas questões numa lógica normativa através de sua religiosidade.

> *Entrei em conflito comigo mesma, talvez pelo fato de eu ter tido uma educação à moda antiga, também pela religião estar muito presente em minha vida, me sinto sim, preconceituosa e com dificuldades em aceitar certas manifestações humanas. (Professora 1, turma 2).*

A análise anterior ganha força quando no trecho a seguir a professora afirma que a postura em sala de aula seja um reflexo de sua identidade

pessoal, ao mesmo tempo em que admite que, os educadores como modelos contribuem para a formação da identidade dos alunos.

> *acredito também que compartilhar e refletir sobre nossas fraquezas, sucessos e a vivência com nossos pares é fundamental para fortalecermos e tentar encontrar caminhos para continuar nosso percurso. Nossa postura em sala de aula é o reflexo do que somos na vida (situação social e familiar), assim nos professores precisamos ter conhecimentos teóricos e estarmos bem resolvido com estes conceitos para respeitar e trabalhar com a heterogeneidade de forma positiva, pois somos modelos e contribuímos para formação pessoal dos nossos alunos. (Professora 14, turma 1)*

Neste fragmento a professora parece sugerir que sua identidade pessoal/profissional, também é construída na convivência, discussão e compartilhamento com os pares. Retoma-se ainda a idéia antes exposta de que não é possível separar o eu professor do eu pessoal e de como a identidade desse professor, pode sim, influenciar na formação dos alunos e que também a identidade do professor se constrói através dessa troca. Nessa via de mão dupla da construção tanto da identidade do professorado quanto da identidade do alunado, o educador deve ter a consciência de que, enquanto "modelo", pode sim contribuir de forma positiva na conscientização desses alunos para com relação aos preconceitos.

4.2. Escola

A escola como local de relações pessoais e instituição de ensino democrática abriga em seu interior pessoas advindas de diferentes extratos sociais, culturais, familiares, etc., quer seja no seu corpo discente, docente, de funcionários ou gestores. Dessa forma, analisar as "memórias" dos professores/cursistas procurando em que momento ficaram explícitos o papel da escola em relação a formação do educando para lidar com questões da sexualidade e relações de gênero, auxiliam na discussão da identidade, bem como da própria identidade do professor. A fala da professora dialoga com o pensamento descrito acima:

> *A escola é o espaço que envolve seres diferentes e que cada pessoa é única e, assim ela é insubstituível. A interação com histórias diferentes e o convívio no cotidiano permite desenvolver um aprendizado a cada momento de cada um, sabendo o que gosta ou não, o que aprecia ou despreza,mas sabemos que as diferenças trazem a discriminação e o preconceito. (Professora 3, Turma 1)*

Percebemos através de nossas analises, que enquanto alguns para alguns professores o tema já era discutido em sala de aula, para outros, a discussão da temática foi algo inovador.

> *Trabalhar o conjunto desses assuntos foi realmente inovador, oportuno e de extrema necessidade atualmente em nossa profissão, pois nos fez conhecer fundamentos teóricos, analisar fatos, refletir e adquirir novas opiniões para enfrentar as situações desafiadoras que ocorrem dentro e fora da sala de aula. (Professora 13, turma 1)*

Como aponta Perrenoud (1993), a cultura docente é constituída no contexto escolar, no fazer cotidiano, nas micro-decisões, no desembaraço de "mil pequenas coisas urgentes" que são realizadas ao mesmo tempo, no trabalho muitas vezes solitário de idealização e realização de várias atividades, na falta de tempo, na improvisação, na incerteza. Trabalhar questões referentes a sexualidade baseando-se em cenas do cotidiano desses professores, proporciona uma base de conhecimento que auxilia para tomada dessas micro-decisões diárias no contexto da escola.

> *Tendo outras colegas da escola onde trabalho participando do mesmo curso, dá uma sensação de apoio em grupo que será muito importante na hora de implantarmos o projeto que desenvolvemos a partir das atividades realizadas. Isso acontecerá somente no próximo ano, mas já fico animada. Não estarei propondo algo que parecerá autoritário para algumas professoras, já que outras ajudarão na implantação. (Professora 15, Turma 1)*

Ao buscar informações para certezas diárias, de ordem prática, os professores trocam e compartilham conhecimentos com seus pares, em meio a trocas de "receitas". (CHARTIER, 2007). Essa possibilidade de troca e de trabalho em grupo aconteceu em vários momentos do curso, em que os professores foram convidados a socializar suas experiências tendo como base suas vivencias anteriores e o trato direto com os alunos. Como apontado no discurso da professora, essa possibilidade auxiliou na idealização de projetos para serem realizados com a temática na escola no próximo ano.

Azanha (1995) destaca a "existência no âmbito da escola de um 'saber' não codificado nem expresso numa linguagem teórica, mas que no fundo constitui a base da atuação docente" (p. 76). Esse saber é assimilado pelos professores nas trocas diárias com seus pares, possuindo tênues relações com as teorias pedagógicas.

O curso está ajudando muito no trabalho em sala de aula, me fez ver situações, atitudes que está há nossa frente e não vemos ou não damos a importância merecida, passei no decorrer do curso me policiar nas atitudes com os meus alunos, no último encontro o comentário do professor [X] sobre a divisão de meninos e meninas nas filas, assumo que foi o que sempre fiz, na sala de aula agrupo as crianças misturando os sexos, mas sempre pensando na disciplina, depois do curso vejo as coisas por outro ângulo. Em relação as filas já mudei, no inicio foi um pouco difícil pois estavam habituados daquela maneira, são pequenas coisas no nosso cotidiano que passa despercebido e cursos como esse nos faz acordar para a realidade e ver o quanto agimos errado (mesmo sem intenção) no nosso dia-a-dia como educador, essas pequenas situações com certeza vão fazer a diferença lá na frente. (Professora 8, turma 2)

Observamos no memorial da professora analisada, que a proposta desse curso proporcionou momentos de reflexão sobre a prática do professor em sala de aula e não somente a ocultação das atividades por eles realizadas. Fato ocorrido pelo formato do curso e pelo espaço virtual de postagem de registros, entendido por algum deles como uma escrita pessoal, de reflexão individual. Acreditamos que escritas como essa contradiz a afirmação de Ferreira (2008) e sua critica feita as universidades.

Considerações Finais

O curso de formação de professores possibilitou a discussão das temáticas: relações de gênero, sexualidade, diversidade, raça e etnia, pouco discutidas na escola, e quando discutidas, “entram” na escola por meio de discussões de caráter religioso, com viés moralista, pela mídia, ou ainda pela disciplina de biologia, com caráter meramente biológico, sem considerar as questões sociais, políticas, históricas, culturais. Este curso proporcionou que as discussões se fizessem presentes na escola, levadas pelos próprios professores/cursistas, formando assim uma rede social de estudos, proposições, discussões, com leituras e criações significativas e contextualizadas de atividades instigantes para os alunos.

O curso teve uma grande responsabilidade no que tange a temática da sexualidade ser desvelada, dentro de uma perspectiva histórico-cultural, grande parte dos professores que não tiveram acesso na sua formação inicial e em cursos de formação contínua puderam conhecer e se aprofundar no tema. A maioria destes professores/alunos nunca tinha discutido tais temáticas e o uso da TIC proporcionou a possibilidade de proteção nas discussões, dos questionamentos e das dúvidas.

Elementos importantes para os espaços de discussão e troca durante o curso foram: o fórum de discussão, que abriu novas maneiras de

trabalhar em grupo e o registro, uma vez que o professor a cada situação nova de ensino aprendizagem, registrava o que de mais significativo aparecia ou o inquietava, promovendo um contato diário com a leitura, escrita e o letramento, tão distante do professor no seu dia-a-dia na escola. (1ª. e 2º edição do GDE).

Entendemos que propostas como essa de formação de professores em serviço são importantes para mudanças no cotidiano da escola. Porém, não podemos esquecer que o professor, mesmo sendo uma das chaves para a mudança, necessita de um trabalho conjunto com a direção da escola e funcionários. Outro fato que merece ser destacado é que formações como essa deveriam fazer parte da carga horária de atuação do professor, visto sua longa jornada de trabalho em busca de salários dignos e da falta de tempo que isso acarreta para o estudo necessário para a profissão.

Referencias

AZANHA, J. M. P. **Educação:** temas polêmicos. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

CARVALHO, M. P. Vozes masculinas numa profissão feminina: o que têm a dizer os professores. *In:* ***Latin American Studies Association*****.** Chicago, Illinois, 24-26 set. 1998.

CHARTIER, A. M. **Práticas de leitura e escrita:** história e atualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FERREIRA, F. I. Reformas educativas, formação e subjetividades dos professores. **Revista Brasileira de Educação**. V. 13 n. 38. maio/ ago. 2008.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade** I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 152 p.

GALLO, S. Transversalidade e formação de professores. In **A formação de professores na sociedade do conhecimento**/ Cléia Maria J. Riveiro; Silvio Gallo (org). Bauru-SP: EDUSP, 2004.

LOURO, G. L. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-34.

NÓVOA, A. Os professores na Virada do Milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. In **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 25, n.1, p.11-20, jan/jun. 1999.

NÓVOA, A. Para una formación de profesores construida dentro de la profesión. **Revista Educación**: La formación de profesores de Educación Secundaria, Madrid, n. 350, p.203-218, dez. 2009.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação:** perspectivas sociológicas. Tradução de Helena Faria, Helena Tapada, Maria João Carvalho e Maria Nóvia. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993.

PIMENTA, S. G. (Org.) **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999.

REIS, G. V.; RIBEIRO, P. R. M. Sexualidade e Educação Escolar: algumas reflexões sobre orientação sexual na escola. In: CADERNOS CECEMCA. **Sexualidade e Infância.** Bauru. 2005. p. 35-45.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2, p.71-99, jul./dez. 1995.

VIANNA, C. P. & UNBEHAUM, S. O gênero nas políticas públicas de educação no Brasil: 1988-2002. **Cad. Pesqui.**. 2004, vol.34, n.121, pp. 77-104.

VIANNA, I. O. A. A formação de docentes no Brasil: história, desafios atuais e futuros. In **A formação de professores na sociedade do conhecimento**/ Cléia Maria J. Riveiro; Silvio Gallo (org). Bauru-SP: EDUSP, 2004.